

RESENHAS

TEOLOGIA

MILBANK, John, **Théologie et théorie sociale. Au-delà de la raison séculière**, coll. «Théologiques», Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr) / Ad Solem (www.ad-solem.com), Paris, 2010, 731 p., 210 x 145, ISBN 978-2-204-08357-7 (Cerf) / 978-2-940-402-82-3 (Ad Solem).

«A Europa jaz, posta nos cotovelos: / De Oriente a Ocidente jaz, fitando. ... / ... / Fita, com olhar esfíngico e fatal, / O Ocidente, futuro do passado.» Assim começava Fernando Pessoa a sua *Mensagem*. O Poeta celebrava, no caso, o sonho português da aventura marítima, que haveria de dar novos mundos à Europa e ao mundo. Hoje, porém, somos tentados a mudar os termos e a essência de sentido deste poema. A Europa jaz, é verdade. Já não, porém, em sonho, mas em sono e desalento; não erguendo a Cruz para a implantar em novos continentes, mas tentando escondê-la, ou mesmo destruí-la; não olhando um «Ocidente, futuro do passado», mas fechando os olhos a um Oriente, futuro provável do presente, ameaçador e terrível. Dos políticos que a regem, mas também – e antes mesmo – dos intelectuais que lhe andam moldando a alma, e mesmo de bastantes intelectuais cristãos que andam entretidos com outras coisas, poderíamos dizer como Bernanos

em *Sous le soleil de Satan*: «Eles não querem ver! Eles não querem ver!»

No meio do marasmo, alertas vêm soando, de várias proveniências. A crise actual da economia pode ser um deles. Mas também os reiterados avisos do magistério e do desvelo pastoral da Igreja. E casos como o de Sakineh Ashtiani. E tantos outros. Nesta linha de inconformismo e de alerta devemos inscrever o movimento anglo-saxónico conhecido por «Radical Orthodoxy». Bastante sob o exemplo e a influência da obra de Alasdair MacIntyre e de Stanley Hauerwas, uma nova geração de teólogos e teólogas do mundo anglo-saxónico (católicos, anglicanos e protestantes) retoma, sem complexos, o discipulado de Agostinho e de Tomás de Aquino, com Henri de Lubac pelo meio, para trazer à praça pública uma nova teologia política. Verdadeira teologia política do século XXI – esse do qual dissera Malraux que ou seria religioso ou não seria, e que corre o risco de, ao menos no tocante à Europa, efectivamente deixar de ser – ela é feita de tomismo subversivo, anarquismo eucarístico, aristotelismo revolucionário, ortodoxia radical e agustinismo pós-moderno.

Enquanto outros ou se esforçam por adaptar o pensamento teológico à nova situação cultural, por vezes porventura cedendo demasiado ao espírito do tempo, ou então optam por um discurso negativo, de lamentação e retraimento, este conjunto de teólogos recusa quer a situação de cativo para a Igreja quer a mundialização liberal. Desmonta o mito do Estado mo-

dermo salvador, opondo-lhe a Igreja como comunidade de referência e de resistência. Explorando inclusivamente os recursos da sua liturgia, reconhecem na comunidade dos crentes uma potencialidade para restabelecer uma amizade e uma convivência políticas impensáveis por outras vias.

John Milbank é um dos principais teólogos deste movimento. Escreveu a primeira versão do livro em epígrafe há duas décadas. Oferece-nos agora uma segunda versão actualizada. Os efeitos nefastos de um liberalismo sem fronteiras éticas estão à vista. Mas há causas menos atendidas por detrás da presente situação. Uma delas é, sem dúvida, a morte de Deus e do seu reinado social, com o conseqüente advento de um pretensamente absoluto *regnum hominis*. Ateísmo e laicismo militantes estão na ordem do dia, nesta Europa de irrecusáveis raízes cristãs. Ora, é precisamente contra uma «razão secularizada» – mas também contra uma teologia demasiado acomodada a esta situação – que Milbank, na linha de fundo da «Radical Orthodoxy», procura mostrar a pertinência e a vantagem, para a política, de uma razão que seja vista como participação no acto criador de Deus. Trata-se de, verdadeiramente, refundar a razão pensante, mormente a razão que pensa os caminhos do mundo, que modela a cultura e que deve orientar a acção política. Por outras palavras, o mundo, pensa Milbank, só tem a ganhar – e mesmo, só terá salvação enquanto justiça e paz – se a razão política e social tiver em conta a teologia cristã, e nomeadamente o pensamento católico. Daí o título «Teologia e teoria social».

Num estilo de pensamento e de escrita algo feroso, e sempre no interior do ideário radicalmente subversivo da ordem de coisas que está aí, próprio do movimento de que é chefe de fila, Milbank interroga, revisita e dialoga com numerosos teólogos

e filósofos, de Aristóteles a Agostinho e Tomás de Aquino, de Malebranche a Durkheim, de Kant a Max Weber, de Hegel a Marx ou de Nietzsche a Heidegger. Mas também com outros teólogos, filósofos e pensadores da actualidade ou dela próximos, como Blondel e K. Rahner, De Lubac, Von Balthasar e Congar, Peter Berger e Bryan S. Turner.

Analisa, ajuíza (crítica), põe a nu fragilidades, desmonta sofismas, propõe alternativas. Faz, entre outras, a análise da sociologia da religião e a crítica da religião como ideologia; analisa várias tentativas para fundar o sobrenatural, a teologia política e a teologia da libertação no contexto do pensamento católico moderno (De Lubac, von Balthasar, Rahner, Blondel, Congar, etc.). Particular interesse recai sobre a quarta e última parte do livro («Teologia e diferença») onde Milbank procede à análise crítica do pós-modernismo, com as suas marcas de niilismo e relativismo, decorrentes de Nietzsche, procedendo à apologia da virtude e terminando com a proposta da teologia como ciência social, afirmando que «a visão católica da paz ontológica oferece desde agora a única alternativa à perspectiva niilista» (p. 709).

JORGE COUTINHO

LUBAC, Cardinal Henri de, **Paradoxe et mystère de l'Église** suivi de **L'Église dans la crise actuelle**, vol. IX des «Œuvres complètes», Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 488 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09283-8.

O vol. IX das «Obras completas» de Henri de Lubac, da edição em curso pelas Éditions du Cerf, inclui os dois títulos da capa e uma série de artigos do eminente